

A (ENTRE)VISTA EM PROFUNDIDADE NO CONTEXTO DA PESQUISA EM REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Antonio Pereira¹
Ivonete Barreto Amorim²
Carla Nova³

Resumo: *Este texto analisa a pesquisa em representação social, que teoriza sobre a técnica da entrevista em profundidade. Fala dos processos de objetivação e ancoragem enquanto elementos formadores de representação social.*

Palavras-chave: Representação Social; Ancoragem/objetivação; Entrevista em profundidade

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada pelo grande desenvolvimento dos meios tecnológicos que promovem um intenso fluxo de informações e imagens e que participam, orientam e portanto interpelam na constituição de sujeitos, subjetividades e grupos sociais, na medida em que produz imagens, significações e saberes, relacionando-se com a construção das identidades individual e cultural. Essa contemporaneidade também é marcada pelo questionamento aos paradigmas da modernidade, enquanto instrumento para explicar a realidade e referendar as narrativas científicas.

Esse período também se vê envolvido em uma lógica cultural marcada pela imprevisibilidade, pela incerteza, pela fragmentação e pela intensificação de códigos culturais, que tornam cada vez mais móveis e fluidos os modos como se constituem o cotidiano dos sujeitos. Não é à-toa que uma outra concepção de ciência vem se desenvolvendo baseada na relação dialética entre sujeito e objeto e na valorização do senso comum, como por exemplo, a Teoria das Representações Sociais.

O interesse por esta teoria surge desse movimento e tenta compreender certas reações, práticas, opiniões e atitudes dos sujeitos frente a determinados acontecimentos que, na lógica da ciência positivista, não seriam considerados, bem como a utilização de procedimentos metodológicos mais abertos, mas não menos rigorosos. A Teoria das Representações Sociais de Moscovici é aberta à compreensão do sujeito e do objeto numa relação de extensão entre eles, tendo a cultura como a esfera que produz atitudes dos indivíduos, pois “a cultura - mas não a ciência – nos incita, hoje, a construir realidades a partir de idéias geralmente significantes” (MOSCOVICI, 2003 p.75). Assim, a Teoria das Representações Sociais procura compreender como os grupos pensam determinado objeto ou fenômeno e como os indivíduos agem a partir da representação de um objeto.

O sujeito na pesquisa de representação é cognoscente porque tem o conteúdo que interessa a esse tipo de pesquisa. Esse conteúdo é obtido a partir da escuta que se corporifica na entrevista de maneira criteriosa. Portanto, dada a sua importância é que esse artigo pretende falar, resumidamente, da entrevista em profundidade na pesquisa de representação social, porque (entre)vistar é mergulhar na interseção sujeito-objeto da representação. A entrevista seria aquele

¹ Professor Mestre da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. antonio@click21.com.br.

² Professora da Fundação Visconde de Cairú.

³ Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

nó no enlace sujeito-objeto que permite que o pesquisador compreenda, pela via do discurso, as circunstâncias da vida cifradas nos códigos de percepção, no mapa do indiciário da memória e da afetividade dos depoentes.

PESQUISA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

É necessário afirmar que a pesquisa é uma atividade fundamental da ciência na relação de construção e questionamento da realidade. Assim, as pesquisas estão diretamente imbricadas aos problemas circunstanciais do âmbito social.

Como sabemos, a ciência busca esclarecer, compreender, descrever, explicar o mundo real; mas a compreensão ou explicação do mundo não acontece, pois o real não pode ser de todo captado; o que a ciência faz é apenas um conhecimento aproximado dentro de “condições filosóficas” que tornem úteis tais conhecimentos, pois o “real para o pesquisador, está envolto no possível, e o estudo do possível é uma tentação da qual o cientista, por mais positivo que seja, não escapa” (BACHELARD, 2004, p. 157-68). Para este conhecimento aproximado é necessário não só a filosofia, mas também a técnica que possibilita “compreender o mundo empírico no qual o homem vive” (GOODE; HALL, 1979).

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos têm uma grande importância para a produção empírica de conhecimentos capazes de (re)significar as teorias existentes do real. A produção do conhecimento empírico pelo cientista requer a utilização de concepções e procedimentos de pesquisa. Estes, ao funcionar na especificidade de um fenômeno, sejam no campo biológico, econômico, psíquico, social, educacional, permitem a construção de um pensar epistemológico sobre o contexto social. Pela pesquisa se descobre fenômenos, cria princípios, constrói proposições, classifica e sintetiza processos naturais e sociais. Mas, mesmo diante de todas essas possibilidades, a ciência não pode ser tomada como primeira e última verdade sobre o homem e o mundo, pois outras possibilidades existem de compreensão da vida. E para que isso não ocorra, a pesquisa precisa cotidianamente do enlace da filosofia.

A filosofia indaga cada conhecimento produzido por cada ciência com o objetivo da retificação, isso porque a ciência, antes de ser uma prática científica, é uma prática social e como tal não pode ser isenta de crítica e reflexões, pois a reflexão (re)significa a prática, e a própria teoria (VASQUEZ, 1968). O pesquisador precisa ser cuidadoso no processo de captação-aproximação de um fenômeno ou de um objeto. Ser cuidadoso não é ser rígido, mas rigoroso, é ser implicado com o objeto que se investiga.

O rigor aqui é tanto de concepção de pesquisa como de procedimentos. De pesquisa, no sentido de ser qualitativa ou quantitativa, e de procedimento enquanto técnicas que se utiliza para desvelar uma dada realidade, que pode ser tanto a observação, como o questionário, a entrevista, dentre outros. Esse rigor também é defendido por Serge Moscovici quando publicou sua tese intitulada de *La psychanalyse: Son image et son public*, em 1961; inaugurando um campo de possibilidades acerca da representação quando ancorou sua pesquisa na Psicologia Social e Sociologia, sendo essa última o ponto de partida quando toma das teses durkheimianas a noção de Representação Coletiva e Representação Individual, e afirma que essas não são opostas e nem uma se sobrepõe à outra; mas, ao contrário, estão dialeticamente postas no mundo real. Dessa forma, Moscovici (2001) as colocou em uma posição hierárquica de igualdade, importância e de existência.

O estudo de Durkheim (1989) foi o ponto de partida que permitiu que Moscovici avançasse nos estudos das representações, tentando superar a idéia de estrutura das representações coletivas portadoras de uma integração lógica e social que superaria as

manifestações perenes que teriam as representações individuais. Moscovici amplia essa formulação quando diz que representação social

são conjuntos dinâmicos, seu *status* é o de uma *produção* de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e estas, e não de uma *reprodução* desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior (grifo do autor- Moscovici, 1978 p. 50)

Assim, a representação social amplia a idéia de coletivo e individual para algo próximo de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, como afirma Denise Jodelet (1989 apud GUARESCHI, 1994).

Não podemos entender a teoria de Moscovici sem a compreensão de duas categorias importantes da representação social: a ancoragem e objetivação. Para Moscovici (1978), a objetivação faz com que se torne real um esquema conceptual. Objetivar é reabsorver significações, materializando-as, o que significa dizer que a objetivação é uma ponte entre a categorização e a realidade, ou como afirma Moscovici (2003, p. 71), “é descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”.

A ancoragem, denominada na pesquisa inicial de Moscovici (1978) de amarração, consiste em converter um objeto social num instrumento de que ele pode dispor, e esse objeto é colocado numa escala de preferência nas relações sociais existentes. Ou seja, a amarração transforma a ciência em quadro de referência e em rede de significações. Ancorar significa trazer para perto, para o que é familiar, nomear, classificar algo que se apresentou como estranho ao cotidiano das pessoas, como afirma o próprio Moscovici:

Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. (...) No momento em que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com objeto ou com a idéia (MOSCOVICI, 2003 p. 61).

Esses processos vão oportunizar ao sujeito novas possibilidades de relações entre os sujeitos e os objetos. Dessa forma, para que o pesquisador em representação social possa se aproximar do seu objeto de pesquisa pressupõe percorrer um caminho para fazer uma escuta a partir do desenho teórico da pesquisa e dos procedimentos metodológicos, como no caso a entrevista em profundidade, que pretende ser um dos instrumentos capazes de investigar “*a conduta e a personalidade de seres humanos*” (grifo do autor - BLEGER, 1980, p. 21).

Nesse contexto, a entrevista desvela muitas coisas de uma representação social desde a linguagem até os sentidos dos enunciados, das palavras, das articulações simbólicas, as quais são validadas as discussões que engendram os discursos que circulam entre os sujeitos e os objetos. Pela entrevista e outros procedimentos é que o pesquisador pode compreender a objetivação e ancoragem realizadas pelos sujeitos da representação e de que forma objetiva e ancora tais representações na sua rede de significados e de referencial teórico que elabora para compreender o mundo.

A PESQUISA EM REPRESENTAÇÃO SOCIAL E A ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

A entrevista na pesquisa de representação social constitui o principal procedimento de investigação, como mostra os estudos de Ângela Arruda (2005), quando pesquisou sobre o caminho da pesquisa de representação social no Brasil⁴. Para esta pesquisadora, a entrevista em representação social ocupa 30,2% de aplicação nos estudos, sendo que no campo da educação essa técnica está em pé de igualdade com o questionário que, respectivamente, ocupam 26,7% e 25% (ARRUDA, 2005, p. 72). Além disso, a entrevista é também associada a outras técnicas, como por exemplo, a associação livre, o desenho, a carta associativa, como mostra a Tabela abaixo:

Tabela: procedimento de coleta de associados
N= 124

Procedimento de coleta		%
Associação + questionário	15	25
Associação + entrevista	11	18,4
Entrevista + questionários	7	11,7
Entrevista + observação	7	11,7
Questionários + observação	5	8,4
Entrevista + desenho/mapas	5	8,4
Documentos + entrevista/assóc.	4	6,7
Grupo focal + documentos + observação	2	3,4
Outros	3	6,7
Total	60	100

Obs.: tabela retirada da pesquisa de Ângela Arruda (2005, p. 76-77)

Percebe-se que o somatório dos percentuais das técnicas associadas à entrevista ocupa um total de 56,9%, o que afirma ser esse procedimento o mais usado em boa parte da pesquisa em representação social. Se somarmos o procedimento do grupo focal, que é um tipo de entrevista coletiva, esse total subiria para 60,3% das técnicas aplicadas em pesquisa de representação social.

Nessa lógica, podemos considerar a entrevista como uma tradição na pesquisa de representação social processual, iniciada por Moscovici quando aplica o caderno-questionário (misto de questionário diversificado e mais entrevista livre para levantar as representações da sociedade francesa sobre a psicanálise). Essa importância à entrevista enquanto procedimento metodológico, é que faz dela a *sereia* dos pesquisadores em representação social.

A entrevista é uma atividade de comunicação e informação entre emissor (sujeito que é entrevistado) e o receptor (sujeito que entrevista); portanto é um processo de mediação e quem faz isso é a palavra dita e escutada e interrogada e (re)significada. A palavra permite a interação

⁴ Ângela Arruda e seus monitores de pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2003 realizaram uma investigação para saber como anda a produção de conhecimento em Representação Social em diversas áreas do conhecimento, tipos de procedimentos metodológicos mais usados e tipos de análises e inferências realizadas, onde constataram dentre outras questões, que a entrevista é ainda o grande canto da sereia em representação social.

entre os sujeitos além de permitir, a depender da forma que essa palavra é emitida e recebida, a confiança ou desconfiança recíproca entre os sujeitos da pesquisa. É essa escuta flutuante que a Psicanálise lacaniana referenda a entrevista tecida pelo desejo e pela falta do sujeito.

Na interação entre sujeito que fala e sujeito que escuta, o diálogo é o elemento central que mantém a interação, mas pode fomentar uma des-confiança e silêncio na medida em que um quer saber o porquê desse conteúdo. Ambos os sujeitos não estão na relação de igualdade, pois o informante detém as informações que o entrevistador necessita e este maneja a transferência e coloca o entrevistado no lugar da fala, do simbólico, do direito e do avesso da informação que o pesquisador necessita para sustentar sua construção teórica.

A entrevista enquanto discurso do sujeito deve ser realizada em profundidade como defende a representação social, profundidade no sentido da complexidade que passa pelas informações gerais para as mais profundas ou vice-versa, de modo a mergulhar no conteúdo manifesto e latente. Para José Bleger (1980), a entrevista em profundidade é uma técnica muito utilizada na Psicologia para compreender o comportamento, as atitudes, a vida psíquica de uma pessoa, portanto é um processo de mediação entre o psicólogo e o paciente, e que na pesquisa ela se presta ao entendimento do comportamento social. A entrevista em profundidade é “uma relação entre duas ou mais pessoas em que estas intervêm como tais, [sendo que] um dos integrantes deve procurar saber o que está acontecendo e deve atuar segundo esse conhecimento” (BLEGER, 1980, p. 12-3).

Este autor aponta algumas características da entrevista em profundidade: a) não é um interrogatório; b) é “uma relação humana”; c) objetiva obter dados do comportamento do entrevistado; d) é contextualizada; e) é um processo em que o entrevistado transfere situações do passado para o presente e modifica seu comportamento e atitude (BLEGER, 1980, p. 12-24). Nesse sentido, a entrevista é uma densa possibilidade de captação de idéias, de representação, de saberes, de conteúdos diversos, narrativas, memórias individuais e coletivas. É um ato cognitivo, social e histórico de produção de um conhecimento de um “sujeito procurante, conhecente, pensante” (MORIN, 1996, p. 337).

A objetivação de uma entrevista se dá a partir de alguns passos, como afirmam William Goode e Paul Hatt (1979):

1. a realização de uma entrevista requer preparação psicofísica do entrevistador, como, por exemplo, saber articular as perguntas, explicando-as pausadamente; olhar amorosamente embora firme para o entrevistado; o vocabulário correto, porém simples;
2. todo tipo de preconceito do entrevistador deve ser deixado de lado, pois idéias preconcebidas atrapalham o andamento de uma entrevista;
3. deve ser esclarecido para o entrevistado sobre a pesquisa e os seus objetivos;
4. o entrevistador deve controlar a ansiedade, inclusive a do próprio entrevistado sempre com uma conversa informal antes da entrevista, mostrando-se atencioso;
5. “a entrevista não é uma mera conversa” e o “objetivo do entrevistador é obter *informações*” (Grifo do autor – GOODE; HATT, 1979, p. 253);
6. as questões devem ser bem explicadas, e quando o entrevistador perceber que a questão feita não foi respondida deve refazer (re)significando a questão;
7. o encerramento de uma entrevista deve ser de maneira cortez deixando a entender para o entrevistado que, caso tenha dúvidas de alguma resposta, voltará para esclarecê-la.

Para estes autores, a profundidade numa entrevista é a variável mais importante e que depende exclusivamente dos objetivos da pesquisa e do pesquisador, sendo que a principal característica da pesquisa em profundidade é por ser “não-dirigida o entrevistador obedecerá

àqueles itens que aparecem tão freqüentemente nos comentários do informante que dão impressão de grande significado emocional” (GOODE; HATT, 1979, p. 251).

Outras características são apontadas por Roberto Macedo (2004, p. 165-166) quando diz que toda entrevista tem flexibilidade e controle e deve ser gravada, pois é um documento em que o pesquisador projeta os interesses da pesquisa que realiza. Ela é central no processo de levantar as representações sociais que um grupo possui, pois a “entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas”. Para este autor, a entrevista se presta a descrever narrativas, compreender representações e esclarecer temas polêmicos e contraditórios a partir de uma “forma indexal (encarnada, enraizada)”.

Para Wolfgang Wagner (1994), a escolha de uma técnica deve corresponder ao que se pretende captar e que existe uma lógica epistêmica entre as técnicas, por exemplo enquanto a análise documental serve para esclarecer como o grupo constituiu, elaborou sua representação de um objeto. A entrevista serve para perceber como cada sujeito pensa sobre o objeto de forma a encontrar aí um elemento que seja comum ao grupo. Sua fala é esclarecedora em relação a essa questão, quando diz que

uma representação coletivamente elaborada, avaliada através dos meios de comunicação ou análise de documentos, constitui um fato social que se refere ao grupo como um todo. O fato de que indivíduos específicos possuem uma representação R é avaliado individualmente por entrevistas e questionários. (WAGNER, 1994, p. 157).

Segundo este autor, a entrevista ajuda a definir a representação social de um grupo a partir de elementos que estruturam o pensamento e o método de análise dessas comunicações também é condição primordial “para os tipos de explicações que podem ser oferecidas” (WAGNER, 1994, p. 180).

A objetivação de uma entrevista continua no processo de organização, análise e interpretação da mesma, de forma a permitir que o pesquisador faça inferências e chegue a alguma conclusão, mesmo que provisória. Para tanto, é preciso seguir algumas regras para a entrevista falar aquilo que queremos:

1. escutar a gravação quantas vezes for preciso para, cognitiva e afetivamente, delinear os subtemas que emergem das falas e, em seguida, deve-se transcrever a entrevista da forma que foi emitida pelo informante, inclusive com “erros” gramaticais. Também se deve adotar um sistema de sinais para marcar aquelas pausas, suspensões, suspiros, gagueiras, etc do informante, pois esses comportamentos têm grande significado para a análise do pesquisador;
2. após a transcrição de todas as entrevistas, inicia-se o processo de sistematização para categorizar os conteúdos da entrevista, tendo o objeto de estudo como norteador desse processo;
3. essa categorização empírica significa tanto aquelas lançadas *a priori* como *a posteriori* e tendo como norte as categorias analíticas da representação social como a objetivação e ancoragem, e destas para aquelas outras categorias analíticas do referencial teórico que o estudo prevê.

Para Moscovici (1978), a entrevista depois de realizada deve ser codificada a partir dos sujeitos e do conteúdo informado. A primeira deve se preocupar com a forma como os sujeitos pensam o objeto que se investiga, e o segundo como os sujeitos pensam esse objeto no social. Essa modalidade de codificação permite também o tratamento estatístico de uma representação

social. O processo de organização dos conteúdos de uma entrevista pode ser ainda realizado a partir da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2000), mas importa dizer que análises estatísticas ou qualitativas não fazem aquilo que é da dimensão humana – a interpretação humanizante dos dados, das informações, das incompletudes de uma pesquisa. Sobre isso, Arruda (2003, p. 88) afirma que tais programas não garantem se chegar às representações sociais fundantes, pois as interpretações realizadas a partir da organização dos dados postos por estes programas, oferecem uma “identificação da representação um tanto sumária, desprovida de espessura”.

EM BUSCA DA CONCLUSÃO

Vimos, neste estudo, o quanto a entrevista é importante na pesquisa das representações sociais, e em algum momento de nossa escrita afirmamos que a entrevista é uma *sereia*, mas como toda *sereia* tem um canto que seduz o pescador a ponto de ele se deixar entrar no mar e ali morrer. O mesmo pode acontecer com o pesquisador estando desatento ou muito implicado com o que escutou, pode não conseguir levantar as categorias interpretativas, mas apenas as descritivas e achar que está fazendo uma pesquisa em representação social; ledô engano.

Sobre isso, Arruda (2005, p. 89) nos dá uma lição de responsabilidade e ética quando diz que é preciso não só organizar os conteúdos de uma entrevista e categorizá-lo; é necessária uma análise criteriosa de modo a chegar às representações sociais. Isso evita que se confunda “representações sociais com listas de categorias, com núcleos de sentidos, e também com outros conceitos como percepções, imagens ou opiniões”. Portanto, não basta apenas entrevistar, é preciso construir o processo de análise, interpretação, aproximação e distanciamento da teoria da representação social ao extremo, e nesse movimento em algum momento ela vai escapar. Cabe ao pesquisador encontrar uma âncora para sustentar seu objeto de pesquisa, escutar o *canto da sereia*, categorizar, analisar e se deixar seduzir pela teoria das representações sociais.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Ângela. Pesquisa em representações sociais: a produção em 2003. In. MENIN, M. Suzana S; SHIMIZU, Alexandra M. (Org). **Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BLEGER, José. **Temas de psicologia: entrevista e grupos**. Trad. Rita Maria M. de Moraes. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GOODE, William; HATT, Paul. **Métodos em pesquisa social**. 7ª ed., São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

GUARESCHI, Pedrinho A. “sem dinheiro não há salvação”: ancorando o bem e o mal entre neopentecostais. In. JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 191-225.

MACEDO, Roberto S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2ª ed., Salvador: EDUFBA, 2004.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In. JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

VASQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. In. JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 149-186